

Classe média e lutas sociais



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

JOSÉ TADEU JORGE

Coordenador Geral da Universidade

ALVARO PENTEADO CRÓSTA



Conselho Editorial

Presidente

EDUARDO GUIMARÃES

ELINTON ADAMI CHAIM – ESDRAS RODRIGUES SILVA

GUITA GRIN DEBERT – JULIO CESAR HADLER NETO

LUIZ FRANCISCO DIAS – MARCO AURÉLIO CREMASCO

RICARDO ANTUNES – SEDI HIRANO

ELÍSIO ESTANQUE

CLASSE MÉDIA E LUTAS SOCIAIS:

Ensaio sobre sociedade e
trabalho em Portugal e no Brasil

EDITORIA UNICAMP

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990. Em vigor no Brasil a partir de 2009.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Es83c Estanque, Elísio, 1952-
Classe média e lutas sociais: Ensaio sobre sociedade e trabalho em Portugal e no Brasil / Elísio Estanque. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2015.

1. Classe média – Portugal. 2. Classe média – Brasil. 3. Movimentos sociais – Portugal. 4. Movimentos sociais – Brasil. I. Título.

CDD 305.509469
305.50981
301.24209469
302.2420981

ISBN 978-85-268-1272-7

Índices para catálogo sistemático:

1. Classe média – Portugal	305.509469
2. Classe média – Brasil	305.50981
3. Movimentos sociais – Portugal	301.24209469
4. Movimentos sociais – Brasil	302.2420981

Copyright © by Elísio Estanque
Copyright © 2015 by Editora da Unicamp

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada em sistema eletrônico, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos ou outros quaisquer sem autorização prévia do editor.

Printed in Brazil
Foi feito o depósito legal

Direitos reservados à

Editora da Unicamp
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728
www.editora.unicamp.br – vendas@editora.unicamp.br

AGRADECIMENTOS

O presente livro resulta de um conjunto de estudos, pesquisas e experiências acadêmicas e pessoais acumuladas ao longo das últimas décadas, na condição de sociólogo e ativista de diversas causas sociais. Para além das muitas pessoas e algumas instituições que, de um modo ou de outro, contribuíram para a elaboração desta obra, é, antes de mais, à própria vida e às oportunidades de aprendizagem e de partilha que ela me concedeu que devo estar reconhecido. Foi sobretudo a experiência humana que me proporcionou uma riquíssima variedade de vivências e cumplicidades com pessoas de múltiplas paragens, e foi nesse fluxo contínuo de contatos – entre Portugal e Brasil – ao longo de quase duas décadas que surgiu a possibilidade e se criaram as condições de ensaiar uma reflexão comparativa entre nossos dois países. A aprendizagem teórica e o saber acadêmico só são relevantes quando condimentados pelos afetos humanos, sem os quais a sabedoria social não teria sentido. E posso dizer que nos dois lados do Atlântico encontrei sempre no campo afetivo as melhores fontes de inspiração e talvez as pontes mais seguras que permitiram fortalecer nossos laços e formas de cooperação que me fazem sentir o Brasil como a minha segunda casa.

A propósito de agradecimentos, gostaria, pois, de lembrar os muitos amigos e amigas que fui encontrando pelo caminho

desde aquele já longínquo período, absolutamente extraordinário, que foi a Revolução do 25 de Abril de 1974 em Portugal. O impacto desse “momento” foi decisivo para tudo o que depois disso ocorreu no meu país e, conseqüentemente, também na esfera pessoal, no rumo que, daí em diante, seguiria minha vida acadêmica sob a influência dessa fantástica experiência. Um momento “revolucionário” em todas as conotações que a palavra possui, vivido em Lisboa, junto dos muitos movimentos populares que integrei: desde os de moradores de “barracas”, operários ainda sem os direitos que viriam a conquistar mais tarde, soldados e capitães ainda em rebelião, um movimento sindical, então embrionário mas já autônomo e livre. Enfim, naquele momento, com muitos outros milhares de jovens, respondendo aos desafios do futuro, nos aventuramos a irromper contra a velha mentalidade e o obscurantismo de meio século de salazarismo, abrindo os caminhos emancipatórios da democracia e da justiça social. As ruas de Lisboa de 40 anos atrás foram o berço da liberdade e da modernização do país. E os caminhos esconsos dos bairros degradados na periferia da capital, ainda com os esgotos a céu aberto, foram os pontos de partida de uma corrida pela justiça social, pelo direito a uma habitação condigna e por uma sociedade de bem-estar que, no entusiasmo juvenil da época – e sob o lema “casas sim, barracas não!” –, justificava a ocupação de apartamentos vazios no centro da cidade para albergar mais uma família pobre e sem teto.

Foi essa atmosfera de vivências irrepetíveis, em que todas as utopias pareciam ao alcance da mão, que constituiu a gênese de um percurso que culminou agora neste mergulho na sociedade brasileira, sem, no entanto, esquecer o lado de lá do Atlântico. Só a ideia de o leitor brasileiro descobrir no conteúdo do presente livro algumas marcas de autenticidade dessa dupla ligação cultural e afetiva já constitui uma importante recompensa. Uma

ligação que reflexivamente exige de nós, acadêmicos e intelectuais, um permanente esforço analítico e crítico das sociedades em que nos inserimos e das instituições que nos governam. E quanto mais amamos nossos países, mais exigentes devemos ser em nossas análises da realidade social e política que nos cerca, num mundo em crise e em descontrole. Esse foi, portanto, um dos desígnios deste ensaio.

Os agradecimentos que aqui importa registrar dirigem-se em primeiro lugar à Unicamp, em especial ao departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) e ao Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho (Cesit) do Instituto de Economia (IE), grupos de pesquisa que, ao longo de 2013, proporcionaram as condições ideais para um trabalho de leitura, de diálogo acadêmico, de estudo e de escrita de grande parte da análise vertida na presente obra. Os projetos coletivos onde tais vínculos foram formalizados – como, por um lado, o projeto “A nova morfologia do trabalho: Infoproletariado, materialidade, imaterialidade e valor” (coordenado por Ricardo Antunes) e, por outro, o projeto “Desenvolvimento e trabalho decente” (coordenado por José Dari Krein) – foram fundamentais para que a atividade de pesquisa fosse plenamente conseguida, pelo que deve destacar-se o agradecimento à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), que proporcionou os meios financeiros para a estada do autor na qualidade de professor visitante no ano de 2013 (Processo 2012/11670-4, válido entre 17/1/2013 e 17/1/2014). Agradeço em seguida à Fundação Francisco Manuel dos Santos, que editou a obra *A classe média: Ascensão e declínio*, Lisboa: 2012, da qual o presente livro se beneficiou, incorporando importantes passagens e reflexões teóricas ali publicadas inicialmente. Um agradecimento muito sentido é devido à Universidade de Coimbra, em especial ao Centro de Estudos Sociais e à Faculdade de Econo-

mia dessa instituição, à qual me orgulho de estar ligado há cerca de 30 anos; organismos onde trabalho e que sempre mostraram toda a disponibilidade, facilitando algumas ausências, decorrentes de estadas prolongadas no Brasil.

E para aqueles amigos e colegas que, em Portugal ou no Brasil, comigo partilharam entusiasmos, e ajudaram a superar hesitações e dificuldades, deixo o meu sincero reconhecimento por sua disponibilidade, cumplicidades e apoios solidários. Para os grupos de pesquisa do Cesit/IE e da Sociologia/IFCH, equipes então dinamizadas por Dari Krein e Ricardo Antunes, de cuja amizade tive também o privilégio de beneficiar, aos meus colegas do CES, em Coimbra, que comigo colaboram há décadas e onde aprendi a ser o sociólogo que hoje sou. E por fim aos colegas, alunos e funcionários das diversas universidades nas quais colaborei, com destaque para a Universidade de Coimbra, a Unicamp, a USP-São Paulo, a Universidade Federal do Paraná, em Curitiba, a Universidade Estadual de Ponta Grossa, a UFSCar em São Carlos, a Universidade Federal de Pelotas, a Unesp-Franca, aqui deixo os meus afetuosos agradecimentos pelos múltiplos incentivos e pelo reconhecimento manifestado em gestos genuínos nas diversas iniciativas em que estive envolvido nessas instituições, ainda que em alguns casos apenas pontualmente.

Seria impossível agradecer pessoalmente a todos os amigos e colegas que tenho encontrado em Portugal e no Brasil, que me fazem sentir sempre “em casa” ou “em família”, ainda que fisicamente distante das minhas raízes alentejanas. Para a família mais próxima, em especial a minha esposa, Nataliya Naumenko, e a minha filha, Beatriz Estanque, aqui fica o meu caloroso reconhecimento pela cumplicidade, pelo companheirismo e pelo amor sem os quais nenhum sucesso pessoal valeria a pena.

Coimbra, fevereiro de 2015

Elísio Estanque

[...] e eu tinha apenas seis anos. Prudêncio, um moleque da casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia, – algumas vezes gemendo –, mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito um – “ai, nhonhô!” –, ao que eu retorquia: – “Cala a boca, besta!”.

Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

“As classes são uma construção científica ou elas existem na realidade?” A pergunta em si é um eufemismo diante da pergunta mais direta e mais diretamente política: “As classes existem ou não?”, já que essa pergunta surge na própria objetividade do mundo social e das lutas sociais que nele têm lugar. A pergunta sobre a existência ou não de classes é, pelo menos desde a emergência do marxismo e dos movimentos políticos que ele inspirou, um dos maiores princípios de divisão na arena política. Por isso temos todas as razões para suspeitar que, seja qual for a resposta que se obtenha, ela é baseada em escolhas políticas, mesmo que as duas possíveis respostas sobre a existência de classes correspondam às duas prováveis respostas sobre o modo de conhecimento, realista ou construtivista, dos quais a noção de classe é produto.

Pierre Bourdieu, “What makes a social class? On the theoretical and practical existence of groups”. *Berkeley Journal of Sociology*, 32, 1987, pp. 1-32

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
--------------------	----

PRIMEIRA PARTE

CLASSE MÉDIA: ADAPTAÇÃO E CONFLITO SOCIAL

1. CLASSES, DESIGUALDADES E “CLASSE MÉDIA”	23
As origens e os precursores	24
Divergências e controvérsias: A visão marxista.....	27
A importância do <i>status</i> : A visão weberiana	34
2. ASCENSÃO E COMPLEXIDADE DA CLASSE MÉDIA	39
A perspectiva liberal e funcionalista.....	39
Conflito, mudança estrutural e subjetividades.....	50
Da “classe de serviço” às novas divisões	59
O lugar “do meio”: Conservadorismo ou radicalismo de classe média?.....	67
3. GLOBALIZAÇÃO E FRAGMENTAÇÃO DO TRABALHO	77
O fim do fordismo e a crise do Estado social europeu.....	77
O advento do <i>preariado</i>	82

SEGUNDA PARTE

PORTUGAL E BRASIL EM MUDANÇA

4. PORTUGAL NO CONTEXTO EUROPEU.....	89
Um pouco de história.....	89
A evolução da estrutura das classes	95

Tendências recentes: O aproximar da crise.....	99
Precarização e desemprego.....	102
5. UMA CLASSE MÉDIA EM ROTA DESCENDENTE.....	109
Empobrecimento da classe média assalariada portuguesa.....	109
Recomposições de classe	115
6. O BRASIL NO CONTEXTO GLOBAL E A FRAGMENTAÇÃO	
DO TRABALHO.....	123
Globalização, periferia e ideologia eurocêntrica	123
Estrutura do emprego e dinâmica econômica.....	125
Proletarização e formalização do trabalho.....	131
Subjetividades e preconceitos de classe	135

TERCEIRA PARTE

REBELIÕES E MOVIMENTOS SOCIAIS

7. UM NOVO CICLO DE CONTESTAÇÕES GLOBAIS.....	143
Que movimentos sociais hoje?.....	144
Revoluções em movimento?	147
Síntese: Hipóteses explicativas.....	152
8. PORTUGAL E AS CAUSAS DO DESCONTENTAMENTO SOCIAL.....	157
Fragilidades do projeto democrático	157
Geração à Rasca e Indignados.....	163
Relações tensas entre movimentos e sindicatos.....	169
9. BRASIL – OS CONTORNOS DOS LEVANTES DE JUNHO 2013.....	173
A “blindagem” do sistema político.....	173
Um tecido social diverso e fragmentário.....	178
O papel da mídia e as multidões na rua	186
CONCLUSÃO	195
Adendo.....	201
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	205

APRESENTAÇÃO

Depois de ter vivido o ano de 2013 no Brasil e de ter acompanhado o contexto social que se viveu neste país, decidi que faria sentido aprofundar as reflexões que tenho desenvolvido em torno das rebeliões e dos movimentos sociais em Portugal e na Europa do Sul e ensaiar uma análise comparativa com o caso brasileiro. Atendendo, por outro lado, à experiência acadêmica que acumulei ao longo de cerca de três décadas, em que me dediquei a estudos sobre as classes sociais e as relações de trabalho, assumi como ponto de partida uma abordagem que vai em busca de pistas sociológicas para responder a uma questão que sempre ronda o tema das classes médias: “meritocracia ou lutas sociais?”.

Gostaria de esclarecer que a perspectiva e a postura que perfolho, como sociólogo e acadêmico, implica uma especial atenção à observação direta e ao envolvimento com o “outro desconhecido”, assumindo de antemão que tal processo exige uma partilha, uma negociação e uma cumplicidade, onde os afetos não podem ser simulados. Falo também de mim próprio quando questiono o problema das desigualdades, das barreiras e dos preconceitos de classe. Quando, há cerca de 15 anos, decidi vestir a pele de um operário do calçado e trabalhar numa fábrica por alguns

meses, tive oportunidade de viver uma experiência – marcante a diversos títulos – que me permitiu ver-me ao espelho na condição de acadêmico, ou seja, como membro efetivo da classe média.¹ Foi sem dúvida uma forma diferente de constatar, na prática, a força das barreiras de classe, no contato com um segmento social que me era relativamente estranho. Meus códigos de conduta, a forma de falar e os esquemas mentais tiveram de sofrer todo um processo de reciclagem, deixando a descoberto uma autêntica bateria de estereótipos acerca do grupo operário e de seus comportamentos no cotidiano produtivo. Essa vivência partilhada permitiu, por um lado, descobrir dimensões desconhecidas do trabalho fabril, em que os saberes e as sociabilidades coletivas do operariado se revelaram surpreendentemente criativos, e, por outro, levou-me a experimentar um distanciamento subjetivo perante minha própria condição de classe, através de um exercício de desconstrução quase involuntário (aquilo que em ciências sociais designamos por *ruptura* com as impressões do senso comum), que contribuiu para acrescentar objetividade e lançar luz sobre a classe média (no caso, minha própria “classe”) e as barreiras sociais que nos cercam, sem que muitas vezes nos apercebamos disso.

As demarcações sociais e de classe possuem, sem dúvida, poderosos fundamentos socioeconômicos e disso procurarei dar conta neste texto. As lógicas e divisões classistas operam em larga medida mediante mecanismos de poder simbólico que incidem no subconsciente (coletivo e individual) e talvez isso ajude a explicar por que a “classe-para-si” é mais uma *narrativa* do que uma realidade substantiva. Mas para a reflexão aqui em

1 Estudo publicado em Portugal com o título *Entre a fábrica e a comunidade: Práticas e subjectividades de classe no operariado do calçado*. Porto, Afrontamento, 2000.

causa interessa, antes de tudo mais, questionarmo-nos: Como os recursos econômicos e educacionais, por exemplo, são incorporados por pessoas concretas ao longo de suas trajetórias de vida? E como se estruturam diferenças, segmentações e conflitos entre conjuntos sociais aparentemente próximos no volume de “riqueza” que possuem? Qual a relação entre o enquadramento objetivo numa dada condição ou num dado estatuto social e sua identificação individual, corporativa, coletiva ou geracional? Que papel a classe média desempenha neste momento em que muitos reconhecem sua fragilidade e seu declínio, como acontece nos países do sul da Europa? Será que a sociedade portuguesa preserva ainda alguns traços específicos nessa matéria, apesar de pertencer à União Europeia? Como caracterizar, não apenas quanto à composição, mas também no que se refere a subjetividades e dinâmicas de ação e de revolta, a classe média portuguesa e a brasileira? Que demarcações existem entre seus segmentos estabelecidos e aqueles que hoje disputam um novo protagonismo ou se agarram a um estatuto ameaçado de proletarização iminente? É disso que trata este livro.

Durante mais de 20 anos de experiência docente na Universidade de Coimbra passaram pelas minhas aulas ou pelos corredores da faculdade onde leciono uns largos milhares de estudantes. Um segmento jovem que chegou à universidade e concluiu aí uma licenciatura terá, porventura, um impacto importante na construção e na renovação das elites profissionais, econômicas e empresariais do país – e, naturalmente, também na formação da classe média. Aliás, as elites, que criaram e desenvolveram as universidades, foram as que mais diretamente se beneficiaram dos saberes e modos de legitimação que as credenciais acadêmicas asseguram, apesar de nem necessitarem propriamente dos diplomas aí obtidos para garantir sua posição social. Porém, à medida que as sociedades europeias foram evoluindo e a racio-

nalidade ocidental ganhou terreno, as universidades foram se abrindo e proporcionando acesso a um número cada vez maior de jovens das classes médias e trabalhadoras; isso lhes permitiu almejar uma profissão digna, se não mesmo prestigiada (e bem remunerada), como só um diploma universitário poderia assegurar. Será que daí apenas resultou uma maior integração social ou, pelo contrário, o campo do ensino superior e o estilo de vida a ele associado tiveram outras consequências? Qual é o impacto da juventude escolarizada e irreverente, que emergiu das experiências de contestação dinamizadas pelo mundo acadêmico, em nossas atuais democracias? Fará sentido, hoje, pensarmos num *radicalismo de classe média*, como foi teorizado a partir dos movimentos estudantis das décadas de 1960-1970? Ao longo da história das ciências sociais muito se falou e escreveu sobre as elites, mas não tanto sobre as classes médias e trabalhadoras. Tradicionalmente, a elite, a começar pela elite acadêmica e científica, produziu o conhecimento necessário para perpetuar seus privilégios, mas omitiu ou relegou a segundo plano (quando não desdenhou e excluiu) as classes subordinadas e a seu serviço. Em contrapartida, pode dizer-se que a construção do sistema educativo no seu conjunto – ainda que destinado a servir as elites – só teve sucesso porque deu lugar a uma *classe média* que foi seu suporte e o ajudou a expandir, fazendo jus à designação de *classe de serviço* que lhe é atribuída.² Qual é então o papel da educação como plataforma de oportunidades e de mobilidade social?

As classes populares só começaram a contar como sujeitos da história quando das grandes convulsões sociais que antecederam o nascimento do capitalismo moderno. Contudo, paralelamente à promessa liberal de um mundo de oportunidades,

2 Erikson & Goldthorpe, 1992.

fundado nos ideais de liberdade, justiça e progresso, surgia o pensamento marxista, dedicado a teorizar sobre o operariado industrial e as contradições estruturais do sistema, o que remeteu a classe média a um mero papel secundário, carregado de conotações pejorativas. Enquanto a narrativa revolucionária e a promessa de uma sociedade socialista ganhavam adeptos, as sociedades ocidentais assistiam à expansão da classe média assalariada, menosprezada por uns (marxistas) por ser um entrave à revolução e aclamada por outros (liberais) como exemplo de sucesso do capitalismo. Seja como for a classe média tornou-se a principal almofada de amortecimento dos conflitos estruturais, ativados pelas chamadas *classes perigosas* (o proletariado e os trabalhadores manuais em geral). Podemos, pois, interrogar-nos: Até que ponto o triunfo da sociedade industrial na Europa se apoiou na “nova” classe média? E qual seria o significado da atual tendência de etiquetar o Brasil como o novo “país de classe média”, enquanto se multiplicam os conflitos sociais e a rebelião explode nas cidades brasileiras? Qual a relevância da situação econômica e do mundo laboral nessas manifestações? Que leituras e perspectivas teóricas podem ser invocadas para uma compreensão das novas segmentações, dinâmicas de precarização do trabalho e de empobrecimento ou bloqueio das expectativas de classe média portuguesa e brasileira? Poderemos detectar elementos inovadores no que tange a dinâmicas de ação coletiva no recente contexto de conflitualidade global, sobretudo em países semiperiféricos – cada um em sua escala – como Brasil e Portugal?

O presente ensaio procura refletir, de diversos ângulos, sobre o binômio conflito sociopolítico *versus* classe média, sendo essa noção entendida não como um conjunto substantivo de pessoas, mas principalmente como *problemática* que requer uma releitura à luz das recomposições em curso no mercado de trabalho

brasileiro e no Estado social europeu. Assim, mais do que apresentar um receituário de definições ou um catálogo de modelos conceituais sobre o tema, pretende-se dar sequência a uma visão reflexiva, analítica e crítica do “senso comum acadêmico” a esse respeito. Fazendo a reflexão incidir, desse modo, sobre a realidade de cada um de nossos dois países perante o panorama de crise, segundo a premissa de que os atuais bloqueios são simultaneamente barreiras às ambições de classe média e indícios ameaçadores de ruptura no sistema político-econômico.

Importa ainda esclarecer que a análise sociológica, tal como a concebo, só ganha relevância se com ela formos capazes de transmitir seus resultados ao grande público e aos principais atores da nossa vida social, desde os responsáveis institucionais e políticos à comunidade acadêmica, passando pelos campos econômico, sindical, empresarial, cultural e associativo. Daí decorre a orientação que assumo abertamente neste livro: contribuir para uma interpelação do real, sem esconder alguma inquietação – quer como acadêmico, quer como cidadão –, sobre o sentido da mudança, a intensificação das desigualdades, a transparência das instituições democráticas, a justiça social e os desafios do desenvolvimento e da emancipação social.

O objetivo é abrir caminho a uma nova perspectiva sobre a ação coletiva e as recentes vagas de contestação social que vêm emergindo em diversos contextos e continentes nos últimos anos, presumindo que tais estratos ocupam aí um papel de relevo, engrossando os movimentos e as rebeliões sociais do século XXI. Ao analisar Portugal no contexto da Europa do Sul, de um lado, e o Brasil no contexto latino-americano, de outro, assume-se que as respectivas realidades políticas e projetos socioeconômicos se inserem em processos de mudança, por assim dizer, na contramão um do outro, marcados pelas características particulares do sistema institucional e da realidade social de

cada um dos países. Espero, pois, que o presente texto, sendo assumidamente crítico e reflexivo, possa ajudar o leitor a apurar seu olhar e a aprofundar seu conhecimento, quer sobre os problemas, contradições e dilemas em que se encontra a classe média em ambos os países, quer no que diz respeito a essa mesma noção (classe média) tão distorcida e contestada que tem sido, dentro e fora do mundo acadêmico.

